

HÁ NA FALA PESSOENSE UM ADVÉRBIO DE MODO (assim) LEGÍTIMO?

Iara F. de Melo Martins

Introdução

Ao observarmos o comportamento do item lexical “assim” no discurso¹, notamos que ele vem se distanciando de seu sentido original latino (dêitico). O “assim”, tradicionalmente classificado como advérbio de modo, está, gramaticalmente evoluindo, exercendo novas funções tais como elemento seqüenciador retroativo-propulsor² e com a continuidade do processo, passando também a funcionar como marcador discursivo.

Como concebemos a gramática como estrutura maleável, emergente e dinâmica, acreditamos que a língua está em constante mudança, seja pelas pressões de uso, seja pelas pressões do próprio sistema gramatical.

Dessa guisa, trabalharemos com os procedimentos metodológicos da sociolinguística variacionista dialogando com os pressupostos funcionalistas vinculado à acepção de gramática emergente, funcionalmente motivada por procedimentos cognitivos, comunicativos e sociais.

Observado nesta perspectiva, podemos entender que o item “assim”, por um lado, poderá assumir funções gramaticais como articulador de movimentos anafórico e catafórico, dêitico, e, por outro lado, função de marcador discursivo.

Dada a natureza empírico-descritiva deste estudo, o universo de pesquisa é uma amostragem do *corpus* do Projeto VALPB - Variação Lingüística na Paraíba (Hora e Pedrosa, 2001). Para a análise do conector “assim” na fala de João Pessoa fizemos um recorte desta amostra, contemplando 12 informantes com 9 a 11 anos de escolarização.

Adotamos, para análise qualitativa dos dados, a teoria da gramaticalização que constitui um processo pelo qual itens lexicais, em certos contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais, num processo unidirecional que se caracteriza por uma trajetória do tipo espaço > (tempo) > texto³. (HOPPER e TRAUOGOTT, 1993)

1. Tomamos discurso aqui neste trabalho como a língua posta em uso, onde a gramática existe e muda.
2. O termo originalmente foi utilizado por Risso (1996) em “O articulador discursivo “então”.”
3. Lembramos que o termo texto, segundo Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), refere-se à articulação textual ou discursiva.

Heine *et alii* (1991) asseveram que esta trajetória se manifesta em escala crescente de abstratização, obedecendo a uma transferência do universo referencial para o discurso, e vai do sentido + concreto para o – concreto.

Este trabalho se organiza em cinco partes. Na primeira, recuperamos a origem do uso de “assim”; na segunda revisitamos à gramática tradicional em busca do seu posicionamento acerca deste advérbio; na terceira apresentamos os pressupostos teóricos,

que são de cunho sociofuncionalista; a quarta parte constitui uma descrição e interpretação dos dados e, nas considerações finais, resumem-se os usos mais recorrentes do item “assim” encontradas na fala de João Pessoa.

1. Origem do “assim”

Voltando às fontes da forma primeira nos usos de “assim”, constatamos que sua origem é dêitica, equivalendo a desse modo, dessa maneira, desse jeito. Conforme salienta Coutinho (1974, p.267), esse elemento provém de *assi* (arcaico) < *ad sic*, que significava “ver sim”.

De acordo com Ernout e Meillet *apud* Martelotta, Nascimento e Costa (1996, p.262), *sic(e)* apresenta o elemento *ce*, “que é uma partícula comum nas línguas itálicas, e que se liga normalmente a pronomes demonstrativos como *hic(e)* (este) e *illic(e)* aquele ou a advérbios tirados de temas demonstrativos, como *tunc(e)* (então) e *nunc(e)* (agora).”

Podemos dizer, então, que a locução “ad sic” migrou do discurso latino para o léxico português, sob a forma “assim”, gramaticalmente advérbio, com valor dêitico de “dessa forma, nesse sentido, assim mesmo”.

2. Revisitando a gramática tradicional

O advérbio, vocábulo que os gramáticos gregos chamavam “epirrhéma” (acrescentado ao verbo), traduzido pelos latinos como “adverbium” (CÂMARA JR., 1976, p.115), é definido, conforme uma revisita à gramática tradicional, como:

- * “palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade. (CUNHA, 1972, p.499);
- * “palavras modificadoras de verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal. Podem também prender-se a adjetivos ou a outros advérbios.” (Lima, 1996, p.174)
- * Em Bechara (1999, p.288), além da definição de advérbio “expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (lugar, modo...)”, encontramos outro uso do “assim” no trecho: (1) “A vida é **assim**”. O autor assevera que certos advérbios, a exemplo do “assim”, “funcionam como predicativo à maneira dos adjetivos.

Apresentada a definição para o advérbio, a gramática tradicional enquadra o “assim” na classificação dos advérbios de modo, dados os critérios morfológicos (palavra invariável), sintático (palavra relacionada ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio) e nocional (palavra que indica circunstância).

Não obstante, os critérios de classificação referidos acima podem se tornar inadequados quando se trata da língua em uso. O emprego do “assim”, no discurso, como advérbio, é problemático, como exemplifica o trecho a seguir no qual, o “assim” não se encaixa em nenhuma das definições apresentadas acima, vejamos:

(2) “Domingo eu gosto mesmo de tá em casa, entendeu? **Assim** à tarde pra pegar um cinema. (V.L.B. p.29)

Compartilhando da insatisfação de classificar o “assim” apenas como advérbio de modo, até porque este rótulo não dá conta da variedade de usos que ele apresenta, Câmara Jr. (1976, p.123) já afirmava a extrema mobilidade semântica e funcional que esta categoria poderia apresentar. Em termos funcionais, observamos a freqüente utilização do advérbio para enunciações em seqüência, “alguns advérbios fixaram-se até, no estado atual da língua, como conjunções coordenativas; outros têm uma distribuição nítida como tais e como advérbios; outros enfim ficam a cavaleiro das duas funções”.

3. Considerações Teóricas

3.1 Diálogo sociofuncionalista

À luz da articulação de pressupostos teóricos do funcionalismo lingüístico, em especial no que se refere à gramaticalização, e pressupostos metodológicos da sociolingüística variacionista fundamentaremos nossas descrições e interpretações. Este diálogo, embora ainda se apresente instável, já começou a impor-se desde os estudos dos anos 80 com Hopper, T.Givón, Traugott e Heine.

O exame da literatura pertinente mostra muitas características em comum entre a sociolingüística e o funcionalismo, dentre elas destacamos algumas: a) prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; b) a concepção de que a língua não é estática. Ao contrário, está continuamente se movendo, mudando e interagindo; c) análise dos percursos da evolução da língua e suas motivações – essencialmente sociais; d) incorporação de aspectos de outros campos: discursivo-pragmático.

Do diálogo entre essas duas abordagens resulta o sociofuncionalismo que utiliza os princípios e métodos da sociolingüística laboviana associados a interpretações funcionalistas dos resultados quantitativos para ver as tendências de usos como reflexo da organização do processo comunicativo.

3.2 Outra visão de gramática

Tendo como objeto de estudo a fala espontânea de João Pessoa, trabalhamos com a concepção de gramática aberta, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia. Desta forma, a concepção de gramática que norteia este artigo é a de “gramática emergente” (HOPPER *apud* TAVARES, 2003, p.45) definida como:

“atividade em tempo real, *on-line*, que emerge cotidianamente do discurso. No uso diário da língua, temos por um lado, a repetição de fórmulas gramaticais (palavras, construções), reforçando-se assim sua regularização. Por outro lado, tais fórmulas são re-arranjadas, desmanteladas e remontadas de modos diferentes a cada situação comunicativa, podendo dar origem a fórmulas inovadoras. Além das transformações internas à gramática, temos a possibilidade de migração de itens ou construções lexicais rumo a funções no âmbito gramatical, também via regularização a partir do uso.”

A gramática, desta forma, não é algo distinto do discurso, e sim toma parte ativa em sua formação, sempre que interagimos. Logo, quando itens lexicais e/ou gramaticais, como o “assim”, se tornam habituais, aparecem com frequência no discurso, gramaticalizam-se e, se já eram gramaticais, gramaticalizam-se em funções ainda mais gramaticais. É por isso que palavras, sintagmas e demais construções que são fixas hoje podem não ser amanhã e um item passível de nunca mais ser repetido pode, porventura, reaparecer e se fixar como gramatical.

Conforme Bybee e Hopper (2001), um estudo à luz da perspectiva da gramática emergente deve considerar: a) “que o analista examine o item em que está interessado apenas quando usado por falantes reais em contextos reais”; e b) “há a necessidade de que o item seja atestado por um bom número de ocorrências para que se confirme que realmente faz parte do repertório das estratégias discursivas dos usuários da língua”.

Destarte, a pesquisa em tela contempla estes dois pressupostos uma vez que trabalha com dados reais de fala, controlando 1.069 ocorrências de “assim” no repertório do falante. É importante o controle da frequência de uso de um determinado item lingüístico, pois ele se tornará um “termômetro” no estabelecimento e na manutenção da gramática, possibilitando a emergência de novas estruturas.

4. Interpretação dos dados

As diversas funções que o “assim” desempenha no discurso podem ser melhor visualizadas na tabela abaixo que também sintetiza as ocorrências e porcentagens de cada uso:

Tabela 01. Ocorrências de “assim”

FUNÇÕES DO “ASSIM”	Ocorrências	%
Advérbio	149	13,94
Dêitico	Zero	Zero
Seq.Anafórico Conclusivo	110	10,29
Seq.Catafórico Comparativo	90	8,43
Seqüenciador Textual	111	10,38
Usos Ambíguos	144	13,47
Preenchedor de Pausa	461	43,12
Iniciador/Tomador de Turno	04	0,37
Total de ocorrências	1069	100

4.1 “assim” Dêitico

Câmara Jr. (1996, p.90) define a dêixis como “faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar”. A designação dêitica, ou mostrativa, “figura ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema lingüístico”.

Dêitico é, segundo Dubois (1998, p.167-8), todo elemento lingüístico que, num enunciado, faz referência “1) à situação em que esse enunciado é produzido; 2) ao momento do enunciado (tempo e aspecto do verbo); 3) ao falante (modalização).”

A dêixis, por sua vez, é um modo particular de atualização que usa ou o gesto (dêixis mímica) ou termos da língua chamados dêiticos (dêixis verbal).

A lingüística moderna, segundo Ilari e Geraldini (1998, p.66), chama dêiticos “palavras que mostram”. Os dêiticos realizam o “fenômeno da dêixis (ato de mostrar), que é um dos traços que distinguem a linguagem humana das linguagens artificiais.”

Muitas classes de palavras da Língua Portuguesa têm um papel dêitico, entre as quais a dos artigos, dos demonstrativos e dos advérbios. Na tradição gramatical mais recente, o termo “demonstrativo” passou a designar uma das classes dêiticas, enquanto o termo “dêixis” foi empregado para designar um processo mais amplo que inclui os pronomes, os advérbios demonstrativos de lugar e de tempo, certos adjetivos etc.

As expressões dêiticas, assim, organizam a atenção dos interlocutores com referência ao conteúdo da mensagem; o procedimento dêitico constitui um instrumento de focalização de um item específico. Na comunicação cotidiana, o espaço dêitico é o espaço da atividade da fala.

Considerando as definições apresentadas acima, encontramos em Costa (1997), Martelotta, Nascimento, Costa (1996) e Silva (1999) o “assim” com função “dêitica”, vejamos:

Costa (1997, p.112) apresenta o “assim” dêitico, asseverando a seu favor que “num uso pragmático, o “assim” refere-se, anaforicamente, ao mundo real, físico. Acompanha-o um gesto indicando a forma/tamanho da boneca”, como ocorre no exemplo:

(3) “...No Natal, eu ganhei uma boneca e que ela era **assim** (fez gesto indicando a forma/tamanho da boneca), ela era... ela ficava em pé, o nome dela era Patinadora...” (JF)

O mesmo raciocínio é corroborado por Martelotta, Nascimento e Costa (1996, p.262-3) que, embora não tenham encontrado esse uso no seu *corpus* de estudo, afirmam ainda existir no português atual essa função, fazendo alusão a gestos ou dados do mundo real, de acordo com os exemplos criados: (4) “O boneco é **assim**, olha!” e (5) “A praça estava **assim** de gente”, em que o gesto das mãos do falante indica o formato da boneca e a aproximação das pontas dos dedos ajuntadas indica que a praça estava cheia de gente.

Consoante os autores supracitados, o espaço físico, mostrado através desses ou quaisquer outros gestos, faz parte da pragmática e o item “assim” se comporta, como dêitico espacial de valor anafórico pragmático em relação a esse mundo físico gestual.

Com relação à amostra de João Pessoa, não encontramos nenhum “assim” com valor dêitico. Este primeiro resultado, no entanto, merece destaque pois, apesar da ocorrência zero, podemos observar através dos exemplos anteriores que o item “assim” fez alusão dêitica a algo do mundo real que está próximo ao falante. Desta forma, a trajetória de gramaticalização espaço > (tempo) > texto nos usos de “assim” se evidencia a partir de sua origem dêitica espacial.

4.2 Seqüenciação retroativo-propulsora

Na trajetória do conector “assim”, notamos que ele chegou a seqüenciação através da gramaticalização, processo que envolve criação e re-criação constante da gramática. A seqüenciação retroativo-propulsora, responsável por marcar a introdução de informações⁴ no discurso, estabelece uma relação coesiva de seqüenciação entre enunciados, de modo que o primeiro serve de base para o que será dito no segundo: “a seqüenciação realiza um movimento duplo: anafórico e catafórico, pois, ao mesmo tempo em que se volta para o enunciado passado como uma fonte de informações para o discurso subsequente, direciona a atenção para um enunciado que está por vir” (TAVARES, 2003, p.20).

Esta seqüenciação é uma função bastante freqüente, identificável na interligação anafórica/catafórica entre uma parte e outra do discurso. O dados mostram 42,57 % de ocorrências de “assim” nesta função, ou seja, os usos anafóricos e catafóricos representando um primeiro movimento do item lexical “assim” em direção ao texto, como podemos observar:

(6) “É normal. Muito trabalho, às vezes a gente fica lá sem fazer nada, às vezes tem muito trabalho, **assim** é a vida do funcionário público, né?” (E.E.L., p.72)

Acima percebemos que este seqüenciador apresenta um movimento simultâneo de retroagir e de propulsionar. O “assim” retroage a informação de que “às vezes tem trabalho, às vezes não faz nada”, como também direciona para adiante, completando a informação anterior, acrescentando que é daquela maneira a vida de um funcionário público.

A partir da interpretação dos usos dados à seqüenciação pelos falantes de João Pessoa, delimitamos quatro subfunções: seqüenciador anafórico conclusivo, seqüenciador catafórico comparativo, seqüenciador textual e usos ambíguos dos seqüenciadores, lembrando que a fronteira entre a análise anafórica/catafórica é bastante tênue.

4. Informação compreende o que é “dito/escrito, sejam fatos/eventos ou argumentos/idéias. Todas essas unidades seguem uma organização linear no discurso.” (TAVARES, 2003, p.20)

4.2.1 Seqüenciador Anafórico Conclusivo

De acordo com Martelotta, Nascimento e Costa (1996, p.270), o “assim” anafórico parece não ter gerado novos valores no português atual. Seus valores conclusivos e temporais já existiam no português arcaico. É importante salientar, no entanto, que na amostra analisada em João Pessoa não encontramos o “assim” anafórico com valor temporal, somente conclusivo com 10,29% de ocorrências.

(7) “Quer dizer, ele se preparou, participou do sul-americano, levou um peru, um tremendo frango, e deixou ele novamente na seleção. E eu acho que isso tá errado. Isso não deve ser **assim** (H.B.C.,p.38)

No exemplo, o item “assim” funciona como elemento seqüenciador, estabelecendo uma conclusão do assunto, finalizando um pensamento, uma idéia. Por outro lado, também observamos que se refere aos dados anteriormente mencionados, podendo o item “assim” ser substituído por “desse modo”, “dessa maneira”. Destarte, verificamos que, nesses casos, o “assim” ainda mantém algo de seu sentido original como advérbio de modo. Esse é o contexto que gera, por pressão de informatividade, o valor conclusivo do termo, assumindo de modo mais definitivo a função de conectivo.

Traugott e König (1991) chamam pressão de informatividade o processo que se dá quando, um termo assume um novo sentido motivado pelo contexto em que aparece. Esse novo sentido é inferido do sentido primeiro, independentemente do valor textual envolvido no processo.

4.2.2 Seqüenciador Catafórico Comparativo

Conforme Martelotta, Nascimento e Costa (1996, p.272), o elemento “assim” pode ligar-se à partícula “como”, no português atual, para expressar comparações. Essa é a única construção com o “assim”, pois a construção conformativa só existiu no português arcaico.

O elemento “assim” de valor catafórico comparativo resistiu ao tempo, como podemos observar abaixo, representando 8,43 % de uso na amostra analisada:

(8) “Sonho de uma noite de Verão é muito interessante porque tem um “punk”, que é o que faz o personagem **assim** como um duende, ele mistura a... tipo assim a mágica, bota em pessoas erradas que se apaixonam...” (V.L.B., p.13)

Acima percebemos, no discurso, a presença do “assim” funcionando comparativamente. O seqüenciador “assim” compara o “punk” com o duende, ambos personagens da peça “Sonho de uma noite de Verão”, (o mesmo personagem faz os papéis de “punk” assim como o de duende).

Acreditamos que, como ocorre com o “assim” anafórico conclusivo, esse uso comparativo é também consequência de um processo de mudança por gramaticalização via pressão de informatividade do “assim” catafórico.

4.2.3 Seqüenciador textual

O seqüenciador textual caracteriza-se como uma estratégia lingüística coesiva que assinala a ordem pela qual os elementos sucedem-se ao longo do discurso, não apresentando caráter argumentativo ou indicação de cronologia temporal. Esta sub-função, com 10,38 % de ocorrência, é a que possui os traços semântico-pragmáticos mais genéricos, uma vez que atua na interligação de partes do discurso, vejamos:

(9) “E: Como definiria amor e paixão?”

“F: Puxa, perguntinha, hein? Bom, amor é o que você sente por uma pessoa **assim** e que não acaba logo não.” (E.E.L., p.80)

O “assim” funciona como um anunciador de complementos, é o elo coesivo entre a informação anterior e a posterior, contribuindo para a definição de amor proposta pelo falante, ou seja, o amor é algo que você sente por uma pessoa e que não se acaba tão rápido.

4.2.4 Usos ambíguos dos seqüenciadores

A ambigüidade é caracterizada pela possibilidade de interpretação semântica variável de “assim” segundo a função exercida no discurso. Essa opacidade, ou seja, dificuldade de enquadrar um item dentro de uma “categoria”, fica mais evidente em (10):

(10) Entrevistador: “Como é que anda a programação cultural em J. Pessoa?”

Informante: “Rapaz, muito boa. Ultimamente tá boa **assim** demais, sempre tem opção em teatro.” (V.L.B., p.13)

O falante utiliza o “assim” cataforicamente, que indica que algo ainda vai ser dito em seguida, em relação à programação cultural. Ele completa a informação afirmando que a programação está muito boa (“demais, sempre tem opção em teatro”).

Entretanto, o seqüenciador não aparece desempenhando apenas sua função catafórica, que é essencialmente textual. Seu emprego reflete também, e principalmente, aspectos discursivos. Interpretando o “assim” como marcador discursivo, percebemos que o informante faz uso desse item para procurar melhor expressão na tentativa de responder a pergunta feita pelo entrevistador, em relação à programação cultural (tá boa assim demais...)

O conectivo “assim” desenvolve um valor catafórico bem sutil, podendo anunciar algo novo no discurso, ou apenas funcionar como marcador, isto é, um recurso usado pelo falante para ganhar tempo, procurando as melhores palavras para concluir seu pensamento.

Outro exemplo de interpretação ambígua, também produzido pelo mesmo informante, pode ser visualizado abaixo, porém, nesse trecho, temos o seqüenciador “assim” funcionando anaforicamente, vejamos:

(11) Entrevistador: “E no cinema tem algum filme bom em cartaz?”

Informante: “Rapaz, eu num posso **assim**, né? Porque nunca mais eu pisei no cinema.” (V.L.B., p.14)

O item “assim” só é plenamente entendido quando voltamos à pergunta do entrevistador. Logo, podemos concluir que esse termo está anaforicamente remetendo e resumindo a informação sobre a existência de “algum filme bom em cartaz”. No entanto, a outra interpretação que surge decorre do fato de o “assim” mostrar que o falante não sabe informar sobre os filmes em cartaz, utilizando este elemento como organizador do seu discurso, procurando na memória algum filme bom que estivesse em cartaz no cinema, “Rapaz, eu num posso assim, né?”

É sabida a dificuldade de distinguir de maneira precisa se o item “assim” funciona cataforicamente e/ou como marcador do discurso ou ainda anaforicamente e/ou marcador discursivo, pois envolve uma sutil interpretação. Contextos desse tipo facilmente conduzem o “assim” de uma função à outra.

Esse uso, sem categoria léxica bem clara/definida e de sentido genérico, parece ser muito comum na língua. Na amostra em estudo, observamos 13,47 % de aplicação, evidenciando um processo de gramaticalização no qual os sentidos do item “assim” vão do + concreto, + referencial (função dêitica) para o – concreto, – referencial (função ambígua).

4.3 Marcador Discursivo

Outra função do item lexical “assim”, encontrada no *corpus* de João Pessoa, é a de “conector” que não expressa o valor dêitico original, não funciona como indicador de modo, tampouco seqüenciador que remete ao movimento anafórico/catafórico. É o “assim”, perdendo as restrições gramaticais, assumindo restrições de caráter interativo, caracterizando-se como marcador discursivo em Castilho (1997), em Risso, Oliveira e Urbano (1996) e Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e marcador conversacional: em Marcuschi (2000), e Silva e Macedo (1996), função esta não considerada nas gramáticas tradicionais.

Conforme Martelotta, Nascimento e Costa (1996, p.262), o marcador do discurso assume restrições de caráter pragmático e interativo, estando a serviço da organização da linha de raciocínio na fala.

Marcuschi (2000, p.62), por sua vez, afirma que os marcadores conversacionais formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência. Constatamos que “iza”, como podemos observar nos “assim” a seguir:

(12) “Gostava muito de correr, **assim** quando era criança, na praia **assim**, com os amigo, arroteava muitas – arroteava **assim** também quando eu no campo, né? Dava muitas voltas no campo...” (E.E.L., p.74)

Neste artigo não faremos distinção entre os marcadores discursivos e os conversacionais, podendo doravante ser designados como um e/ou outro ou apenas como marcadores.

Salientamos que Tavares (2003) não utiliza o termo “marcador discursivo” na análise de seus dados, e Risso (1993) denomina o advérbio “agora”, marcador discursivo,

de “seqüenciador discursivo” pois funciona como “administração do tópico do discurso pelo falante”.

A frequência de maior ocorrência (43,49%) na nossa amostra, quase a metade do uso de “assim” distribuído em relação às demais funções, concentra-se nos marcadores discursivos. Esse resultado evidencia a alta produtividade deste item no discurso e corrobora a literatura pertinente, quando afirma que uma forma lingüística mais freqüente tem mais probabilidade de se gramaticalizar.

Em síntese, podemos afirmar que o processo de gramaticalização do “assim”, numa trajetória parcial, tem continuidade quando este item passa a atuar como marcador, perdendo seu conteúdo semântico dêitico (+ concreto) se tornando genérico e – referencial:

+ concreto (adv. modo) > > – concreto (marcador).

Partindo da interpretação e análise dos dados da amostra de João Pessoa, identificamos duas subfunções para os marcadores discursivos: preenchedor de pausa, com 43,12% de ocorrência e iniciador e/ou tomador de turno, com 0,37 % de uso, que podem ser visualizadas abaixo:

4.3.1 Preenchedor de Pausa

Esse uso tem como característica marcar uma interrupção na linha de raciocínio para evitar uma conseqüente pausa no fluxo da fala, tendo, portanto, uma função organizadora do discurso, não desempenhando função gramatical referente à organização interna do texto, vejamos alguns exemplos:

(13) “Todo ano sempre tem uma notícia que me impressiona, entende? Agora esse ano deixa ver..., são tantas **assim**... me diga uma pra ver se... chega aqui a minha mente” (G.G., p.58)

O informante está “tentando” responder qual foi a notícia que mais o impressionou, no entanto nada vem a sua mente. O “assim” vago, impreciso, demonstra claramente que o falante está dando tempo para organizar o seu pensamento, isto é, o “assim” está funcionando como preenchedor de pausa, pois pode até parecer que o falante está pedindo para o ouvinte socorrer e tomar o seu turno.

O elemento lingüístico com esta função perde suas restrições gramaticais, assumindo restrições de caráter pragmático e interativo e desta forma, o “assim” sai do texto (nível textual) e migra para o discurso (nível pragmático).

Os “assim”, em questão, não contribuem com informações novas para o desenvolvimento do assunto, sendo utilizados pelo falante apenas para preencher pausas, organizar o discurso e não perder o fluxo da fala. (MARCUSCHI, 2000).

4.3.2 Iniciador e/ou tomador de turno

O marcador “assim”, no momento da produção do discurso, tanto pode funcionar no início como também na tomada de turno, uma espécie de “engate” do discurso do outro.

O emprego do “assim”, então, não expressa função gramatical, apenas função relacionada com a interação.

Este uso, no *corpus* analisado, foi pouco recorrente, talvez por se tratar de uma entrevista - que pressupõe pergunta-resposta, aparecendo apenas quatro casos (0,37%) de início de turno, dos quais transcrevemos dois, vejamos:

(14) “Entrevistador: Como você acha que é essa diferença de fala?”

“Informante: **Assim**, de sotaque mesmo. Tem gente que fala, é carioca né, fala chiando, puxando o “s”, tem gente...” (S.C.P, p.139)

O trecho acima evidencia que o marcador “assim” inicia o turno, resgatando o conteúdo da pergunta do entrevistador, no entanto, percebemos que o falante está ganhando tempo, ou organizando melhor o seu raciocínio para poder responder aos questionamentos, funcionando também como preenchedor de pausa.

Desta forma, observamos que esse uso como iniciador/tomador de turno é o mais abstrato de um processo de gramaticalização/discursivização em que o item “assim”, inicialmente indicador dêitico, vai perdendo suas marcas referenciais.

Considerações Finais

Ao analisar o discurso falado, chama a atenção a grande variedade de itens que nele ocorrem com extrema frequência, um exemplo disso é o item lexical “assim” que, conforme expusemos na introdução, pode assumir funções gramaticais dêiticas, como ainda articulador de movimentos anafóricos e catafórico e, por fim, marcador discursivo.

Como está ligado, desde suas origens, a emprego dêitico, é provável que o “assim” tenha migrado para a seqüenciação retroativo-propulsora, seguindo um percurso universal tipicamente envolvido na emergência de conectores, e por fim, passando a assumir função de marcador discursivo: espaço > (tempo) > texto.

Constatamos que o item “assim” deixou o estatuto de advérbio, gramaticalizando-se e desempenhando outras novas funções, as quais destacamos como resultados mais significativos:

i) a função de “assim” como seqüenciador retroativo-propulsor, o que significa dizer que este item está relacionando, mediante um valor conclusivo ou comparativo, duas proposições.

ii) a função de marcador discursivo, uso mais recorrente nas entrevistas analisadas, marcando uma retomada da linha de raciocínio perdida ou, de um modo geral, mudanças de estratégias comunicativas, típico da fala.

O paradigma sociofuncionalista, adotado neste trabalho, pode ser uma perspectiva interessante de análise da trajetória de certos itens lingüísticos do Português, conforme as circunstâncias de ocorrências deles no discurso.

E, como toda a abordagem categorial de fenômenos dinâmicos está fadada ao risco do insucesso explicativo e descritivo, deve-se encarar os resultados como formas de perceber organizações e processos e não como propostas normativas para os fenômenos analisados.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p.288.
- BYBEE, J. & HOOPER, P., Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: J.Bybee & P. Hooper (eds.) **Frequency and the Emergence of Linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, p.01-24.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976, p.115-123.
- _____. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 17. ed. São Paulo: Vozes, 1996, p.90.
- CASTILHO, A. de. A gramaticalização. **Estudos Lingüísticos e Literários**. 1997.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974, p.267.
- CUNHA, Celso Ferreira da . **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1972, p.499-500.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1998, p.167-8.
- HEINE, B. CLAUDI, U. & HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago, University of Chicago Press, 1991.
- HORA, D. e PEDROSA, Juliene L.R. **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB**, João Pessoa: Idéia, 2001.
- HOOPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, J. Wanderley. **Semântica**. São Paulo. Ática, 1998, p.66.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 33.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p.174.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2000.
- MARTELOTTA, M.; NASCIMENTO, E.; COSTA,S. A Gramaticalização e Discursivização de ASSIM. In: MARTELOTTA, M.;VOTRE S. J.; CESÁRIO, M.**Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996, p.261-276.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. 2.ed.São Paulo: Contexto, 2001.
- RISSO, Mercedes S. O articulador discursivo “então”. In: Ataliba T. Castilho & Margarida Basílio (orgs.). **Gramática do Português Falado**. vol. IV. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996, p.423-451.
- _____. Agora....o que eu acho é o seguinte: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. DE (Org.). **Gramática do Português Falado: as abordagens**, v. III. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1993, p.31-60.
- _____, OLIVEIRA, Gisele M. de & URBANO, S.H. Marcadores Discursivos: traços definidores. In: Ingedore G.V. Koch (org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. VI. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996, p.21-94.
- _____. e MACEDO, Alzira Tavares de. Análise Sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: Macedo A T. (Orgs.) **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.11-49.

TAVARES, MARIA ALICE. **A gramaticalização de e, aí, daí e então:** estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Tese de Doutorado, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E. Closs & KÖNIG, E. The Semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott & Heine ed. **Approaches to grammaticalization.** Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1991.